

## **Violência cotidiana no transporte coletivo e perspectiva de lutas para 2014**

Gabriel Teles Viana

Graduando em Ciências Sociais pela UFG, pesquisador pelo GPDS (Grupo de Pesquisa Dialética e Sociedade) e usuário do transporte coletivo da região metropolitana de Goiânia


O tema da violência é recorrente em nossas vidas cotidianas. Tão grande é a sua dimensão que impera-se fracioná-lo em tipos específicos: violência física, sexual, psicológica, verbal, urbana, rural e etc. Todavia, o núcleo que une todas estas especificidades é o fato da violência expressar a imposição de algo a outrem. Pretendo aqui denunciar um outro tipo específico de violência, e sua legitimação ocorre justamente através de seu ocultamento, que são as violências cotidianas. Um dos fundamentos do cotidiano comum é a sua naturalização; tornamos como natural a nossa rotina através da construção de um cotidiano. Portanto, as violências cotidianas são uma manifestação concreta da violência que passam praticamente despercebidas pela população (sobretudo para os trabalhadores, que são os que mais sofrem com ela), pois a naturalizamos e criamos a imagem de que elas não são uma violência autêntica como as outras. Esta evidente banalização das violências cotidianas compreende um processo que fortalece aqueles (Estado, empregos humilhantes e etc.) que nos impõem um modo de vida pautado na resignação e no medo, criando uma onda de passividade que ao em vez de lutar pelos direitos básicos de uma vida digna, aceitamos sem ao menos questionar o que está sendo imposto.

Mas chegam momentos que a violência cotidiana torna-se insuportável e começamos a criar consciência da dominação a qual estamos inseridos. Este é o caso da situação do transporte coletivo da região metropolitana de Goiânia, um exemplo concreto de como uma violência cotidiana opera na vida dos trabalhadores, estudantes e

idosos que necessitam deste serviço na Grande Goiânia. O primeiro semestre de 2013 foi marcado por um período de intensas manifestações populares que reivindicavam o não aumento da passagem de ônibus, posto que o serviço não expressava o valor cobrado, muito menos legitimava o aumento de 30 centavos na passagem. As manifestações eclodiram no Brasil todo em meados do mês de junho de 2013; se antes a palavra de ordem não era de negociação, o poder “público” (aqui cabe outro artigo questionando o quão público é este poder) recua e começa a negociar. Mas o questionamento de uma violência cotidiana (como o preço abusivo de um serviço mal-prestado e sem nenhuma qualidade) trouxe novas reivindicações, como o passe-livre estudantil (que há muito os estudantes lutam por este direito), a mudança estrutural do conselho de gestão do transporte coletivo municipal com participação ativa e efetiva da população, a abertura das planilhas de gastos e lucros das empresas que prestam os serviços e outras reivindicações que foram surgindo de acordo com necessidades locais. Os resultados em Goiânia, a primeiro momento, foram satisfatórios aos que lutaram, foram vítimas de ameaças e sofreram com uma truculenta repressão por parte da prefeitura de Goiânia e do estado de Goiás: o aumento do preço da passagem de ônibus foi barrado, o passe-livre foi anunciado tanto pelo governador Marconi Perillo quanto pelo prefeito Paulo Garcia e foi criada uma nova política pública chamada “Ganha Tempo”, onde o usuário do transporte coletivo, com um bilhete apenas, poderia embarcar em três linhas diferentes no prazo de duas horas e meia.

O tempo foi passando e o passe-livre ainda se detinha apenas nos confins do discurso político e nada de sua aplicação efetiva como enunciada: para todos os estudantes goianienses. Inicia-se 2014 e eis que um dos benefícios trazidos pela onda de lutas da população cai por terra: o programa “Ganha Tempo” será extinto ainda em janeiro deste ano. Alega-se prejuízos por parte das empresas que prestam o serviço por conta do não aumento da passagem. O que significa que existirá um possível novo aumento este ano. Esse tipo de negligência com as reivindicações populares é também uma violência cotidiana, onde se abre um canal de negociação, mas que efetivamente não concretiza nenhum resultado prático de melhoria daquilo que é reivindicado. A

## Revista Posição



nossa indagação deve centrar justamente nesta negligência, colocando em xeque a própria ideia de que o governo (Estado) está a serviço da população.

Enfim, as manifestações de 2013 não foram em vão, os questionamentos da violência cotidiana que os usuários dos transportes públicos construíram ao longo do ano passado serão refeitas com mais força e organização. Não podemos abaixar a cabeça, a violência cotidiana corrói nossas vidas de forma tão sutil que não podemos dar tréguas a ela. Nesse sentido, a perspectiva de 2014 é de luta, não somente em favor de um transporte coletivo de qualidade, mas de questões mais amplas e importantes. Enquanto houver exploração e dominação, haverá reação por parte dos explorados e dominados.